

Uma novidade: Maluf em 2002

O GLOBO

27 DEZ 2000

ELIO GASPARI

A última pesquisa Datafolha informa que Paulo Maluf tem tudo para ser candidato a presidente da República. Em quatro simulações ele fica em terceiro ou quarto lugar, oscilando entre 8% e 12% das preferências. Sempre acima do candidato tucano, seja Tasso Jereissati, seja José Serra. Caso o PT vá de Eduardo Suplicy, Maluf surra-o por 12x9.

Um dos conhecedores de sua alma assegura que dificilmente ele correrá esse risco, pois sabe que suas chances são praticamente nulas. Numa disputa pelo Governo de São Paulo, pode ao menos ter a ilusão da vitória.

E, na. A sucessão presidencial ficaria muito melhor com Maluf na disputa. Tomando-se os cinco candidatos visíveis, verifica-se que, somados, produzem uma falsa oferta de candidaturas politicamente corretas. Lula, Itamar Franco, Ciro Gomes, Tasso e Serra formam um quadro estranho. Adê a direita?

A direita brasileira tem uma inextinguível capacidade de gerar camborões. Já baixou em vigaristas (Jânio Quadros), embusteiros (Fernando Collor) e até mesmo em esquerdistas (FFHH). Vicia o processo eleitoral dando-se a um ilusionismo pelo qual aderir ao candidato que consiga mantê-lo no poder. As mudanças geradas pelo Governo de FFHH na sociedade brasileira deveriam desembocar na candidatura do ministro Pedro Malan.

Sem que se esteja fazendo qualquer comparação entre os dois personagens, não havendo Malan, deveria haver Maluf. Os petistas que o derrotaram na eleição paulista sabem o sufoco por que passaram. É divertido observar que no andar de cima há uma direita que não gosta de ser chamada de direita, enquanto há no andar de baixo um eleitorado di-

reitista firme e convicto, que a esquerda gosta de fazer de conta que não existe.

Noves fora Lula, Maluf está tecnicamente empatado com os candidatos mais bem colocados junto aos eleitores com baixa escolaridade. Junto aos eleitores com renda inferior a dez salários-mínimos, apanha de Ciro Gomes, disputa com Itamar Franco e surra Eduardo Suplicy.

Nessa faixa, as quatro simulações mostraram que o tucano que consegue melhor resultado fica com 6%. Maluf oscila entre um pico de 13% e um piso de 8%.

A eleição de 2002 precisa de um candidato de direita porque o discurso politicamente correto (e embusteiro) precisa ser desafiado. Os dados do censo mostrarão que o Brasil

regrediu socialmente na questão da violência. Quanto pior ficou a situação, mais passeatas pacifistas foram organizadas, sempre por pessoas que dobraram o calibre das barras de ferro que cercam seus edifícios ou condomínios. Todos querem ficar em paz com suas consciências, quando talvez fosse melhor tumultuá-las, discutindo a sério uma forma de dar paz às cidades.

O atual ministro da Justiça, José Gregori, batalhou pela saída dos seqüestradores do empresário Abílio Diniz das carceragens paulistas. Toda uma bancada de bons-moços argumentou que os bandidos (entre os quais estava um casal de canadenses abonados) tinham recebido penas exageradas.

Perguntinha: depois de terem ali-

viado a situação dos presos do andar de cima, quando foi que voltaram a se incomodar com seqüestradores do andar de baixo, condenados a penas igualmente longas? Nunca.

O liberalismo americano perdeu a confiança do povo na década de 70 porque deu aos eleitores a impressão de estar ao lado dos delinquentes. Isso numa época em que os americanos, com uma inflação de dois dígitos e a maior alta de preços desde o colapso do dólar confederado, achavam que a violência era o principal problema da sociedade.

Como governador do Texas, George W. Bush autorizou a execução de cerca de 60 pessoas. Um monstro. Em um ano, a polícia paulista matou pelo menos 80 pessoas com tiros na cabeça, mas quando o doutor Grego-

Cavalcante

ri vai a Paris, pode se orgulhar de que no país onde ocupa o Ministério da Justiça não existe a selvageria da pena de morte.

Não se pode dizer que os dândis politicamente corretos de Pindorama sejam liberais. São farsantes mesmo, pois sabem que nos presídios e nas carceragens brasileiras vigora a lei da massa. É o código penal dos bandidos que mantém isolado o Maníaco do Parque. Ele não está sozinho numa cela porque isso faz parte da punição que a sociedade lhe impõe. Está isolado porque se cair numa cela coletiva morre.

Em janeiro de 1999 a violência era a principal preocupação de 29% dos paulistanos. O desemprego ficava longe, na marca dos 13%.

Vive-se uma situação maluca. Há uma ordem injusta e assassina, administrada pelos atores do politicamente correto. Finge-se que a realidade se parece com o que eles dizem e nega-se voz àqueles que defendem medidas mais duras contra os delinquentes. Quando Maluf diz que "lugar de bandido é na cadeia", soa virulento.

Sua candidatura teria a utilidade de forçar a contradita. Obrigar os adversários que participaram da administração a fazerem a gentileza de informar de que forma contribuíram, com resultados práticos, para que se criasse um sistema mais racional.

A sucessão presidencial de 2002 corre o risco de ter um congestionamento de candidatos de esquerda. Um deles (Lula) é autêntico. Os outros, como diria Bush, "vamos a ver". Falta um candidato verdadeiramente de direita, sobretudo para embaralhar o primeiro turno, impedindo que o conservadorismo volte a se disfarçar debaixo da caixa de campanha de um candidato politicamente correto.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.

